



## Reflexões sobre Aliança e Missão

30.09.2002 | Consulta do Conselho de Sinagogas e do Comitê dos Bispos para As

**12 de agosto de 2002**

### **Reflexões sobre Aliança e Missão**

**Consulta do Conselho  
de Sinagogas e do  
Comitê dos Bispos  
para Assuntos  
Ecumênicos e Inter-  
religiosos 12 de  
agosto de 2002**

### **PREFÁCIO**

Durante mais que vinte anos, líderes das comunidades judaica e romano-católica nos Estados Unidos encontraram-se anualmente para discutir uma ampla série de tópicos que afetam as relações católicas-judaicas. Correntemente, os participantes nessas consultas em curso são delegados do Comitê dos Bispos sobre Assuntos

Ecumênicos e Inter-religiosos da Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos (BCEIA) e o Conselho Nacional de Sinagogas (NCS). O NCS representa a Conferência Central dos Rabis Americanos, a Assembléia Rabínica do Judaísmo Conservativo, a União de Congregações Hebraicas Americanas e a Sinagoga Unida do Judaísmo Conservativo. A Consulta é co-presidida por Sua Eminência William Cardeal Keeler, o moderador para as relações católicas-judaicas, e o Rabi Joel Zaiman, da Assembléia Rabínica do Judaísmo Conservativo e o Rabi Michael Signer da União de Congregações Hebraicas Americanas. Os diálogos produziram previamente declarações públicas sobre assuntos tais como Crianças e o Ambiente e Atos de Ódio Religioso.

No seu encontro realizado em 13 de

março de 2002 na cidade de Nova York, a Consulta de BCEIA-NCS votou em despachar publicamente as suas considerações, a fim de encorajar reflexão séria sobre esses assuntos pelos judeus e católicos em todo a área dos Estados Unidos. Depois de tomar tempo para refinar as declarações, as reflexões separadas romano-católicas e judaicas sobre os assuntos de Aliança e Missão serão apresentadas em baixo.

As reflexões romano-católicas descrevem o crescente respeito pela tradição judaica que se desenrolou desde o Concílio Vaticano Segundo. Uma apreciação católica, que se aprofundava, da aliança eterna entre Deus e o povo judaico, junto com um reconhecimento duma missão divinamente dada aos judeus para testemunhar o amor fiel de Deus, levou a conclusão que dirige a campanha de que visar os judeus para a conversão à

Cristandade não  
seja mais  
teologicamente  
aceitável na Igreja  
Católica.

As reflexões  
judaicas descrevem  
a missão dos  
judeus e a perfeição  
do mundo. Essa  
missão é vista como  
tendo três aspetos.

Primeiro, há  
obrigações que  
surgem como  
resultado da  
amorosa eleição do  
povo judaico numa  
aliança com Deus.

Segundo, há  
missão de  
testemunho do  
poder redentivo de  
Deus no mundo.

Terceiro, o povo  
judaico tem uma  
missão que se  
dirige a todos os  
seres humanos.

As reflexões  
judaicas concluem  
instando em que os  
judeus e os cristãos  
articulem agenda  
comum para curar o  
mundo.

A Consulta NSC-BCEIA preocupa-se com a ignorância e as caricaturas continuadas de uns dos outros, as quais ainda prevalecem em muitos segmentos das comunidades católica e judaica. A esperança da Consulta é que essas reflexões sejam lidas e discutidas como parte dum processo em curso de incrementar o entendimento mútuo.

A Consulta NSC-BCEIA reafirma o seu cometimento para continuar aprofundando o nosso diálogo e promover amizade entre as comunidades católica e judaica nos Estados Unidos.

## **REFLEXÕES ROMANO-CATÓLICAS**

### **Introdução**

Os dons trazidos pelo Espírito Santo à Igreja através da Declaração *Nostra Aetate* do Concílio

Vaticano Segundo  
continuam-se  
desembrulhar. As  
décadas desde  
1965  
testemunharam  
aproximação  
constante entre a  
Igreja Romano-  
Católica e o povo  
judaico. Apesar de  
que controvérsias e  
mal-entendidos  
continuem  
ocorrendo, tem  
havido um  
aprofundamento  
gradual de  
entendimento  
mútuo e propósito  
comum.

*Nostra Aetate  
inspirou também  
uma série de  
instruções  
magistrais, incluindo  
três documentos  
preparados pela  
Comissão Pontifícia  
para as Relações  
Religiosas com os  
Judeus:*

*Guias e Sugestões  
para a  
Implementação da  
Declaração  
Conciliar Nostra  
Aetate 4 (1974);*

*Notas sobre o Modo  
Correto de  
Apresentar os  
Judeus e o  
Judaísmo na  
Pregação e Ensino  
na Igreja Romano-*

*Católica* (1985); e  
*Nós nos  
lembramos: Uma  
Reflexão sobre a  
Shoáh* (1998).

O Papa João Paulo  
II ofereceu muitos  
discursos,  
engajando-se em  
várias ações  
importantes que  
promoveram a  
amizade católica e  
judaica.

Foram também  
compostas  
numerosas  
declarações  
referentes a  
relações católicas-  
judaicas pelas  
conferências  
nacionais dos  
bispos católicos ao  
redor do mundo.  
Nos Estados  
Unidos, a  
conferência dos  
bispos católicos e  
os comitês desta  
despacharam  
muitos documentos  
relevantes, inclusive  
*Guias para as  
Relações Católicas-  
Judaicas* (1967,  
1985); *Critérios  
para a Avaliação  
das Dramatizações  
da Paixão* (1988); *A  
Graça de Deus  
Dura para Sempre:  
Guias para a  
Apresentação dos  
Judeus e do  
Judaísmo na  
Pregação* (1988); e  
mais recentemente

*Ensinamento  
Católico sobre a  
Shoáh:  
Completando Nós  
nos Relembramos  
da Santa Sé (2001).*

Inspeção dessas declarações católicas sobre as poucas décadas passadas, mostra que consideravam progressivamente mais e mais aspetos do complexo relacionamento entre os judeus e os cristãos, junto com o seu impacto sobre a prática da fé católica. Essa obra, inspirada por *Nostra Aetate* iniciou esse pensar citando Romanos 11,28-29, descrevendo o povo judaico como “muito querido por Deus, por causa dos patriarcas, desde que Deus não retoma os seus dons que deu ou a escolha que fez.” João Paulo II ensinou explicitamente que os judeus são “o povo de Deus da Antiga Aliança, nunca revogada por Deus”, “o povo do dia presente da aliança concluída com Moisés”, e “parceiros numa aliança de amor eterno que nunca foi revogada”.

O reconhecimento católico pós-*Nostra Aetate* da permanência do relacionamento com Deus da aliança do povo judaico, levou a uma nova consideração positiva da tradição judaica rabínica pós-bíblica, consideração essa que está sem precedente na história cristã. As *Guias* do Vaticano insistiram que os cristãos “devem esforçar-se a aprender por quais traços essenciais os judeus se definem a si mesmos à luz da sua própria experiência religiosa”. As *Notas* vaticanas louvaram o Judaísmo pós-bíblico por carregar “ao mundo inteiro testemunho - muitas vezes heróico - da sua fidelidade ao Deus único, ‘exaltando-O perante todos os vivos’ (Tobias 13,4)”. As *Notas* continuam referindo-se a João Paulo II, que exorta os cristãos que se lembrem “como a permanência de Israel está sendo acompanhada dum fecundidade espiritual contínua, no período rabínico, na Idade

Média e nos tempos modernos, tomando o seu ponto de partida do patrimônio que compartilhamos por extenso, tanto que ‘a fé e a vida religiosa do povo judaico, como professadas e praticadas ainda hoje, podem-nos ajudar muito para entender melhor certos aspetos da vida da Igreja’ (João Paulo II, 6 de março de 1982).” Esse tema tem sido assumido em declarações pelos bispos dos Estados Unidos, tais como *A Graça de Deus para Sempre*, a qual informou os pregadores para “serem livres de haurir das fontes judaicas (rabínicas, medievais e modernas) no expor o sentido das Escrituras Hebraicas e dos escritos apostólicos”.

A “fecundidade espiritual” do Judaísmo pós-bíblico continuou em países nos quais os judeus eram minúscula minoria. Isso era verdade na Europa cristã, ainda que, como o cardeal Ídris Cassidy notou, “a partir do tempo

do Imperador Constantino, os judeus foram isolados e discriminados contra o mundo cristão. Havia expulsões e conversões forçadas. A literatura propagava estereótipos [e] a pregação acusava os judeus de qualquer idade de deicídio”. Esse sumário histórico intensifica a importância do ensino das *Notas* vaticanas de que “A permanência de Israel (enquanto tantos povos antigos desapareceram sem traços) é fato histórico e sinal a ser interpretado dentro do projeto de Deus”.

O conhecimento da história da vida judaica na Cristandade causa textos bíblicos tais como Atos 5,33-39 que sejam lidos com olhos novos. Nessa passagem o fariseu Gamaliel declara que só empreendimentos de origem divina podem durar. Se o princípio do Novo Testamento estiver sendo considerado pelos cristãos de hoje para ser válido para a Cristandade,

então precisa ser logicamente também valer para o Judaísmo pós-bíblico. O Judaísmo Rabínico, que se desenvolveu depois da destruição do Templo, precisa também ser “de Deus”.

Além dessas considerações teológicas e históricas, nas décadas desde *Nostra Aetate*, muitos católicos foram abençoados com a oportunidade de experimentar pessoalmente a rica vida religiosa do Judaísmo e os dons de santidade de Deus.

## **A Missão da Igreja: A Evangelização**

Tais reflexões sobre as experiências da eterna vida de aliança com Deus do povo judaico levantam perguntas sobre a tarefa cristã de dar testemunho dos dons de salvação, os quais a Igreja recebe através da sua “nova aliança” em Jesus Cristo. O Concílio Vaticano Segundo resume a

missão da Igreja  
como segue:

Enquanto  
ajudando ao  
mundo e  
recebendo  
muitos  
benefícios  
disso, a  
Igreja tem  
uma  
intenção  
singular: que  
o reinado de  
Deus venha,  
e que a  
salvação de  
toda a raça  
humana  
venha a se  
realizar.  
Pois  
qualquer  
benefício  
que o Povo  
de Deus,  
durante a  
sua peregrina-  
ção  
terrestre,  
puder  
oferecer à  
família  
humana,  
origina-se  
do fato de  
que a  
Igreja é “o  
sacramento  
universal de  
salvação”, si-  
multaneamente manifestando e  
exercendo o  
mistério do  
amor de  
Deus pela h  
umanidade.

Essa missão da Igreja pode ser resumida em uma palavra: evangelização. O papa Paulo VI deu a definição clássica: “A Igreja aprecia que evangelização significa levar a boa nova a cada setor da raça humana, assim que, pela sua força, pode entrar nos corações dos homens, renovando a raça humana.” A evangelização refere-se a um complexo de realidade que, por vezes, está sendo mal entendido, reduzindo-a somente à procura por novos candidatos para o batismo. É a continuação da Igreja na missão de Jesus Cristo, o qual incorporou a vida do reinado de Deus. Como o Papa João Paulo II o explicou:

O reinado é a preocupação de cada um: indivíduos, sociedade e o mundo. Trabalhar para o

reinado  
significa  
reconhecer  
e promover  
a atividade  
de Deus, a  
qual está  
presente  
na história  
humana e a  
transforma.  
Construir o  
reinado  
significa  
trabalhar  
para a  
liberação do  
mal em  
todas as  
suas formas.  
Em uma  
palavra, o  
reinado de  
Deus é a m  
anifestação  
e a  
realização  
do plano de  
Deus de  
salvação em  
toda a  
plenitude  
desta.

Deve ser enfatizado  
que a  
evangelização, o  
trabalho da Igreja  
pelo reinado de  
Deus, não pode  
ser separada da  
sua fé em Jesus  
Cristo, em quem os  
cristãos encontram  
o reinado  
“presente e  
cumprido”. A  
evangelização inclui  
as atividades da  
Igreja de presença

e testemunho;  
comprometimento ao  
desenvolvimento  
humano e libertação  
humana; culto,  
oração e  
contemplação  
cristãos; diálogo  
inter-religioso; e  
proclamação e  
catequese.

Essa última  
atividade de  
proclamação e  
catequese - o  
convite para  
comprometimento da fé  
em Jesus Cristo e  
para entrar, através  
do batismo, na  
comunidade dos  
fiéis, a qual é a  
Igreja” - estão  
sendo, por vezes,  
pensados como  
sendo sinônimos da  
“evangelização”.  
No entanto, isso é  
construção muito  
estreita, sendo de  
fato só um entre  
muitos aspectos da  
“missão  
evangelizadora” no  
serviço do reinado  
de Deus. Assim, os  
católicos que  
participam no  
diálogo inter-  
religioso, destituído  
de qualquer  
intenção, seja qual  
for, de convidar o  
parceiro de diálogo  
ao batismo, estão  
sendo, não  
obstante,  
testemunhando a  
sua própria fé no  
reinado de Deus  
incorporado em

Cristo. Isso é forma de evangelização, modo de engajar-se na missão da Igreja.

## **A evangelização e o povo judaico**

A Cristandade tem um relacionamento sem par com o Judaísmo, porque “as nossas duas comunidades religiosas são conexas e estreitamente relatadas no próprio nível das suas respectivas identidades religiosas”.

A história de salvação esclarece o nosso relacionamento especial com o povo judaico. Jesus pertence ao povo judaico, inaugurando a Igreja dentro da nação judaica. Grande parte das Sagradas Escrituras, que nós

cristãos  
lemos como  
a palavra de  
Deus,  
constituem  
patrimônio  
espiritual  
que compart  
ilhamos com  
os judeus. C  
onseqüente  
mente,  
qualquer  
atitude  
negativa a  
respeito  
dessas deve  
ser evitada,  
já que “a fim  
de ser  
bênção  
para o  
mundo, os  
judeus e os  
cristãos  
precisam  
primeiro ser  
bênção uns  
aos outros”.

Na esteira de  
*Nostra Aetate*,  
houve apreciação  
católica  
aprofundada em  
muitos aspetos do  
nosso ligamento  
espiritual único com  
os judeus.  
Especificamente, a  
Igreja Católica  
chegou a  
reconhecer que a  
sua missão de  
preparar para a  
vinda do reinado de  
Deus é uma que é  
compartilhada com  
o povo judaico,  
mesmo que os

judeus não  
concebiam a sua  
tarefa  
cristologicamente  
como o faz a Igreja.  
Assim, as *Notas*  
vaticanas de 1985  
observam:

Atentos ao  
mesmo  
Deus que  
falou,  
pendurados  
na mesma  
palavra,  
temos de  
testemunhar  
a mesma  
memória e  
esperança  
única  
comum nEle  
que é o  
mestre da  
história.  
Temos  
também de  
aceitar a  
nossa respo  
nsabilidade  
de preparar  
o mundo  
para a vinda  
do Messías,  
colaborando  
juntos para  
a justiça  
social, o  
respeito  
pelos  
direitos das  
pessoas e  
nações e  
para a recon  
ciliação  
social e inter  
nacional. A  
isso  
estamos

sendo  
impelidos,  
judeus e  
cristãos,  
pelo  
comando de  
amar o  
nosso  
vizinho, por  
uma  
esperança  
comum pelo  
Reinado de  
Deus e pela  
grande  
herança dos  
profetas.

Se a Igreja,  
portanto,  
compartilha numa  
tarefa central e  
definidora com o  
povo judaico,  
quais são as  
implicações para a  
proclamação cristã  
da Boa Nova de  
Jesus Cristo?  
Devem os cristãos  
convidar os judeus  
para o batismo?  
Essa é questão  
complexa, não só  
em termos da  
autodefinição  
teológica cristã,  
mas também da  
história de cristãos  
batizando judeus a  
força.

Num notável e  
ainda mais  
pertinente papel de  
estudo,  
apresentado no  
sexto encontro do

Comitê  
Internacional  
Católico-Judaico de  
Ligação em Veneza  
faz vinte-e-cinco  
anos, o professor  
Tommaso Federici  
examinou as  
implicações  
missiológicas de  
*Nostra Aetate*.  
Arguiu, em razões  
históricas e  
teológicas que, na  
Igreja, não deveria  
haver  
organizações  
quaisquer,  
dedicadas à  
conversão de  
judeus. Isso foi de  
fato, durante os  
anos seguintes, a  
prática da Igreja  
Católica.

Mais recentemente,  
o cardeal Walter  
Kasper, presidente  
da Comissão  
Pontifícia para  
Relações Religiosas  
com os judeus,  
explicou essa  
prática. Numa  
declaração formal,  
feita primeiro no  
décimo sétimo  
encontro do Comitê  
Internacional  
Católico-Judaico de  
Ligação em maio  
de 2001 e repetida  
mais tarde no  
mesmo ano em  
Jerusalém, o  
cardeal Kasper  
falou de “missão”  
num sentido restrito  
significando  
“proclamação” ou o  
convite ao batismo

e à catequese.  
Mostra porque tais  
iniciativas não se  
dirigem  
apropriadamente  
aos judeus:

O termo  
missão, no  
seu sentido  
próprio,  
refere-se à  
conversão  
de deuses  
falsos e  
ídolos ao  
Deus  
verdadeiro e  
único, o qual  
se revelou  
na história  
de salvação  
com o Seu  
povo eleito.  
Assim a  
missão, no  
seu sentido  
estreito, não  
pode ser  
usada a  
respeito  
dos judeus,  
que crêem  
no  
verdadeiro e  
único Deus.  
Portanto, e  
isto é caract  
erístico,  
existe  
diálogo, mas  
é que não  
existe  
qualquer  
organização  
missionária  
católica para  
os judeus.

Como o já  
temos dito, o  
diálogo não  
é mera  
informação  
objetiva,  
diálogo  
envolve a  
pessoa  
inteira.

Somente no  
diálogo os  
judeus dão  
testemunho  
da sua fé,  
testemunho  
daquilo que  
os apoiava  
nos períodos  
escuros da  
sua história  
e da sua  
vida, e os  
cristãos dão  
conta da sua  
esperança  
que têm em  
Jesus  
Cristo.

Fazendo  
isso, ambos  
estão longe  
de qualquer  
espécie de  
proselitismo,  
mas ambos  
podem  
aprender  
uns dos  
outros, enriq  
uecendo uns  
aos outros.

Nós ambos  
queremos  
compartilhar  
as nossas  
preocupaçõ  
es mais  
profundas  
por um  
mundo  
muitas  
vezes desori  
entado, o

qual precisa  
tal  
testemunho  
e o procura.

Do ponto de vista da Igreja Católica, o Judaísmo é religião que nasce de revelação divina. Como o cardeal Kasper notou, “a graça de Deus, a qual é a graça de Jesus Cristo segundo a nossa fé, está disponível para todos. Portanto, a Igreja crê que o Judaísmo, isto é a resposta fiel do povo judaico à aliança irrevogável de Deus, é salvífico para eles, porque Deus está sendo fiel às Suas promissões.”

Essa declaração sobre a aliança salvadora de Deus é completamente específica para o Judaísmo. Se bem que a Igreja Católica respeite todas as tradições religiosas, podendo, através do diálogo com elas, discernir as influências do Espírito Santo e, se bem que creiamos que a infinita graça de Deus esteja certamente disponível a fiéis de

outras fés, é só sobre a aliança de Israel que a Igreja possa falar com certeza do testemunho bíblico. Isso é porque as escrituras de Israel formam parte do nosso cânon bíblico, possuindo “valor perpétuo ... o qual não tem sido cancelado pela interpretação posterior do Novo Testamento”.

Segundo o ensinamento romano-católico, tanto a Igreja como o povo judaico permanecem em aliança com Deus. Nós ambos, portanto, temos missões diante de Deus a empreender no mundo. A Igreja crê que a missão do povo judaico não está restrita ao seu papel histórico como o povo do qual Jesus nasceu “segundo a carne” (Rm 9,5) e de quem os apóstolos da Igreja vieram. Como o cardeal Joseph Ratzinger escreveu recentemente: “A providência divina ... tem obviamente dado a Israel uma missão particular nesse ‘tempo dos gentílicos’.” Somente o próprio povo judaico,

porém, pode articular a sua missão “à luz da sua própria experiência religiosa”.

No entanto, a Igreja percebe que a missão do povo judaico *ad gentes* (às nações) continua. Essa é uma missão que a Igreja também persegue no seu modo próprio de acordo com o seu entendimento da aliança. O mandato de Jesus Ressuscitado em Mateus 28,19 de fazer discípulos “de todas as nações” (grego = *etnê*, o cognato hebraico = *goyim*; isso é das nações que não sejam Israel) significa que a Igreja deve dar testemunho no mundo à Boa Nova de Cristo, como assim preparar o mundo para a plenitude do reinado de Deus. No entanto, a tarefa evangelizadora não mais inclui o desejo de absorver a fé judaica na Cristandade, terminando assim o testemunho distintivo dos judeus de Deus na história humana.

Assim, enquanto a Igreja Católica considera o ato salvador de Cristo como central para o processo da salvação humana para todos, também reconhece que os judeus já habitam na aliança salvadora com Deus. A Igreja Católica deve sempre evangelizar e vai sempre testemunhar a sua fé na presença do reinado de Deus em Jesus Cristo aos judeus e a todas as outras pessoas. Fazendo isso, a Igreja Católica respeita plenamente os princípios da liberdade religiosa e da liberdade da consciência, assim que convertidos individuais sinceros de qualquer tradição ou povo, incluindo o povo judaico, sejam bem-vindos e aceitos.

No entanto, agora reconhece que os judeus são também chamados por Deus para prepararem o mundo para o reinado de Deus. O seu testemunho do reino, o qual não se originou com a experiência da Igreja de Cristo crucificado e ressuscitado, não

deve ser mutilado  
tentando a  
conversão do povo  
judaico à  
Cristandade. O  
testemunho  
distintivo judaico  
deve ser sustido,  
se os católicos e os  
judeus forem  
verdadeiramente  
para ser, como o  
Papa Paulo II o  
visionou, “uma  
bênção uns aos  
outros”. Assim está  
de acordo com a  
promissão divina  
expressa no Novo  
Testamento, que os  
judeus são  
chamados para  
“servirem a Deus  
sem medo, em  
santidade e retidão  
diante de Deus para  
todos os [seus]  
dias” (Lucas  
1,74-75).

Com o povo  
judaico, a Igreja  
Católica, nas  
palavras de *Nostra  
Aetate*, “aguarda o  
dia, conhecido por  
Deus só, quando  
todos os povos  
clamarão a Deus  
com uma só voz,  
servindo-O ombro a  
ombro” (Sf 3,9; veja  
Is 66,23; Sl 65,4;  
Rm 11,11-32).

---

## REFLEXÕES JUDAICAS

## A Missão dos Judeus e a Perfeição do Mundo

Na procura sem fim de trazer sentido à vida, as comunidades, justamente como os indivíduos, tentam a definir a sua missão no mundo. Assim, certamente, o é para os judeus.

A missão dos judeus faz parte da missão tripartite que está radicada na Escritura, desenvolvendo-se nas fontes judaicas posteriores.

Há, primeiro, a missão de *aliança*: o ímpeto sempre-formativo para a vida judaica, do qual resulta a aliança entre Deus e os judeus.

Segundo, a missão de *testemunho*, pela qual os judeus se vêem (e são freqüentemente vistos por outros) como as testemunhas eternas de Deus da Sua existência e do Seu poder

redentor no mundo.

E terceiro, a missão de *humanidade*, missão essa que entende a história bíblica dos judeus como contendo mensagem a mais gente do que os judeus só.

## **A Missão da Aliança**

Os judeus são a semente de Abraão, Isaac e Jacó, a incorporação física da aliança de Deus com esses ancestrais.

Abraão não só parte em viagem à Terra de Canaã depois de ser chamado por Deus, mas, quando tinha noventa anos de idade, Deus lhe aparece dizendo-lhe: “Anda nos Meus caminhos e seja imaculado. Vou estabelecer a Minha aliança entre Mim e ti, fazendo-te extremamente numeroso.” A aliança é descrita como “eterno, ... para ser Deus para ti e tua descendência por vir”. A aliança

envolve a Terra de Canaã, a qual é posse eterna. Há símbolo físico da aliança: a circuncisão de todos os masculinos no oitavo dia das suas vidas.

A aliança é tanto física como espiritual. Os judeus são um povo físico. A aliança é aliança da carne. A Terra é lugar físico. Mas é também aliança do espírito, pois está conexas ao “andar nos Seus caminhos”.

Os judeus são um povo chamado à existência por Deus através eleição amorosa. Porquê Deus faria tal coisa? A Toráh nos conta a história dum Deus único que, diferente do Deus de Aristóteles, não era contente com contemplar a Si mesmo. É grande mistério, mas Deus que está essencialmente além da nossa percepção, quis um mundo em existência. Deu a Suas criaturas um único mandamento, o de não comer de certa fruta do Jardim de Éden. O quê, realmente, eles

fazem? Comem a  
fruta.

E assim Deus, que  
decidira  
compartilhar o Seu  
eu inefável, foi  
negado. Não  
demorou muito até  
que a terra chegou  
a ser corrupta  
diante de Deus. E  
assim Ele começou  
de novo,  
destruindo a  
criação, juntando as  
águas primordiais e  
deixando somente  
Noah e a família  
deste. Mas também  
isso não funciona,  
pois logo que estão  
fora da arca, Noah  
se embriaga  
descobrimo-se.  
Outra vez ladeira  
abaixo - até a Toráh  
começa a história  
que funciona, isto  
é o coração da saga  
da Bíblia: a história  
de Abraão e da sua  
progênie, os  
judeus.

A aliança não é  
justamente  
promissão ou  
exortação geral  
para perfeição.  
Quando o Povo de  
Israel se tornou  
comunidade  
grande, tendo  
sofrido a servidão  
do Faraó, o povo  
está sendo redimido  
com milagres  
extraordinários.  
Chega ao Sinai, e a

aliança ganha o seu conteúdo: as leis e estatutos dados aí e subseqüentemente na Tenda de Encontro.

Vistes que fiz aos egípcios, como vos carreguei em asas de águias, trazendo-vos a Mim. Agora, então, se Me obedecdes fielmente, mantendo a Minha aliança, sereis a Minha possessão entesourada entre todos os povos. De fato, toda a terra é Minha, mas vós sereis para Mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.

Para os judeus, isso é, não lisonja divina, mas sim o fardo de obrigação divina. E isto, então, é a definição teológica dos judeus: um

povo físico  
chamado para viver  
num  
relacionamento  
especial com Deus.  
Essa relação tem  
conteúdo  
específico. Há  
recompensas pela  
sua observância,  
punições pelo seu  
abandono.

Tal visão dos  
judeus não é  
talhada para caber  
nas definições  
sociológicas  
normais dum povo,  
duma comunidade  
ou tribo. É até  
possível que a  
maioria dos judeus  
sejam pouco  
confortáveis com  
essa sociologia  
teológica. As  
pessoas estão  
sendo usualmente  
mais satisfeitas  
com retratando os  
judeus ou como  
grupo étnico ou  
como comunidade  
de fé desatada  
dum povo. Mas isso  
não é a noção dos  
judeus na Bíblia e  
na literatura judaica  
posterior. Os judeus  
são, por melhor ou  
por pior, por mais  
ricos ou mais  
pobres, parceiros  
com Deus numa  
romance por vezes  
tempestuosa e por  
vezes idílica, num  
casamento amoroso  
que liga Deus e o  
Povo de Israel  
juntos para sempre,

dando o significado  
mais profundo  
possível à  
existência judaica.

O resultado prático  
de tudo isso é que a  
primeira missão dos  
judeus é para com  
os judeus. Isso  
significa que a  
comunidade judaica  
está atenta a  
preservar a sua  
identidade. Como  
isso não acontece  
sempre  
naturalmente, é a  
razão porque os  
judeus falam uns  
aos outros  
constantemente  
sobre forças  
institucionais e a  
capacidade de  
comunidade de  
educar as suas  
crianças. Cria  
aborrecimento de  
casamento misto.  
Explica a paixão de  
estudar a Toráh.  
As estacas são  
altas na vida judaica  
e, para não  
abandonar Deus, a  
comunidade  
judaica gasta  
grande parte de  
energia olhando  
para que a  
comunidade de  
aliança funcione.

## **A Missão de Testemunho**

Isaias atesta um

papel que os judeus jogam, e que vai além deles mesmos. “Minhas testemunhas sois vós - declara o Senhor - o meu servo, a quem elegi.”

Os judeus são Suas testemunhas de que há um Deus no mundo, o qual é seu Criador, e que Ele é um único e que os ídolos não têm força - “A Mim cada joelho se deve dobrar e cada língua votar lealdade” - e que o poder de Deus é poder redentor, um mais temeroso do que seres humanos possam conceber.

Como se manifesta o poder de Deus? Na vida das nações, inclusive na caída e ascensão da nação de Israel. E está bem conhecido pela Toráh e nos livros proféticos que o sofrimento de Israel é entendido para ser um testemunho da aliança de Deus com Israel.

O que não está sendo entendido, pelo menos não bastante bem, é

que Deus quer que as nações vejam a redenção de Israel, sendo impressionadas. Isso é, por exemplo, aquilo que Deus quer que o Faraó e o povo do Egito vejam. Não basta, aparentemente, redimir simplesmente o povo de Israel da servidão. A redenção está desenhada para ser pública, cheia de sinais e milagres. Pois é designada para ensinar à grande nação de Egito sobre o poder, a glória e o interesse do Deus de Israel no redimir escravos.

É também nesse sentido que o profeta Isaías fala dos judeus como “luz para as nações”. “Levanto as tribos de Jacó, restaurando os sobreviventes de Israel: Far-vos-ei também luz para as nações, *para que a Minha salvação possa alcançar os confins da terra.*” As nações verão a redenção do povo de Israel e se maravilharão. Aprenderão, portanto, se não o aprenderam antes, que o Senhor, o Deus de Israel,

restaura o Seu povo  
e a Sua terra.

O arauto de alegria  
para Sião diz:  
“Deixa cada vale  
ser elevada, cada  
colina e monte  
abaixados. Deixa o  
solo rugoso tornar-  
se nível e os  
espinhaços  
chegarem a ser  
planos.” Isso não  
é retórica sobre  
alguma  
manifestação  
mística de Deus  
transformando a  
natureza. É  
intrépida linguagem  
figurada para falar  
sobre a criação  
duma estrada  
extraordinária para  
levar de volta o  
povo exilado à sua  
terra.

Quando gastarmos  
boa parte de tempo  
pensando sobre os  
nossos pecados,  
não é sofrimento  
aquilo que é a  
mensagem de  
Deus. A mensagem  
de Deus é o poder  
de arrependimento  
e o poder do Seu  
amor como  
manifestos na  
redenção de Israel.  
Uma das grandes  
necessidades da  
teologia, portanto,  
será desatar-se da  
mensagem de  
sofrimento. A  
grande mensagem

de Deus é o poder de redenção. A grande esperança dos judeus é a sua redenção e a reconstrução do seu estado de nação. O testemunho a ser dado à luz, é o testemunho de Deus que redime o Seu povo.

## **A Missão de Humanidade**

A mensagem da Bíblia é mensagem e visão, não só a Israel, mas sim a toda a humanidade. Isaias fala duas vezes dos judeus como luz para os povos, e fizemos alusão, até agora, à sua declaração no capítulo quarenta-e-nove. Que outra coisa ele quer dizer, quando fala dos judeus como “povo de aliança e luz para as nações”? O comentador medieval, David Kimhi, vê a luz que vem, como a luz da Toráh que vem de Sião. Já que a luz da Toráh é paz, a luz que vem trazendo mensagem da bênção de paz, esta que deve reinar pelo mundo inteiro.

A visão messiânica é: “E falará paz às nações.” Assim, Isaias nota que naqueles tempos “Ele julgará entre as nações, arbitrando para muitos povos. E baterão as suas espadas para serem relhas de arado e as suas lanças para podões.”

É erro é ser como Jonas, pensando que Deus está preocupado só com os judeus. Quando Jonas foi solicitado para ir a Nínive, a grande cidade gentílica, Jonas recusa o mando de Deus de dizer ao povo de Nínive que se arrependam. Só através de sofrimento é que aprende que a palavra de Deus é para os ninivitas também. Finalmente vai até lá, e o povo de Nínive convoca um jejum. Grandes e pequenos vestiram-se em panos de saco, até o rei. Não só jejuaram, pois a Bíblia diz que “voltaram atrás dos seus maus caminhos”.

Embora se pudesse ter pensado que

Jonas teria sido impressionado pelo seu sucesso, ele é desolado - havendo provavelmente duas razões para isso. Primeiro, creu que o pecado deveria ser punido, e que as graças de Deus não deveriam levar embora aquela punição. E segundo, qual era o povo de Nínive? Que direito este tinha a esperar a preocupação íntima e o amor perdoador de Deus?

Jonas sai da cidade e se senta ao leste dela, fazendo uma tenda e sentando-se na sombra dela. E o Senhor faz um cabaço crescer acima dele, provendo sombra sobre a sua cabeça. Jonas era feliz! Até Deus ordenou um verme na alvorada do dia seguinte, que atacou a planta até que ela murchou. E, a seguir, Deus levantou um vento suave do leste, e o sol bateu sobre a cabeça de Jonas até que ele desmaiou. E desejou morrer.

A seguir, Deus diz a Jonas: “És tão profundamente

irado sobre a  
planta? ...  
Preocupas-te com a  
planta, pela qual  
não trabalhaste e  
que não fizeste  
crescer, a qual  
apareceu de um dia  
para outro e  
pereceu um dia  
para outro. E Eu  
não Me deveria  
preocupar com  
Nínive, aquela  
grande cidade, na  
qual há mais que  
doze miríades de  
pessoas que ainda  
não sabem  
distinguir a sua mão  
direita da esquerda,  
e também muitos  
animais!”

O Deus da Bíblia é  
o Deus do mundo.  
As Suas visões são  
visões para tudo da  
humanidade. O Seu  
amor é amor que se  
estende a cada  
criatura.

O homem sofredor  
das Escrituras, Jó,  
não está sendo  
retratado de modo  
algum como se  
seria um judeu.  
Será isso para se  
surpreender? O  
sofrimento da  
humanidade não  
está limitado a um  
povo particular. A  
aliança possa fazer  
esse assunto  
particularmente  
desagradável para  
os judeus, mas

todos nós tentamos  
chegar a termos  
com o problema dos  
retos que sofrem.  
Jó é um ser  
humano universal.  
A chamada de Deus  
de dentro do  
vendável é a  
chamada de Deus  
pelo mundo inteiro  
aos retos que  
tentarem entender o  
sentido do seu  
fado.

O Deus que amou  
Abraão - “Mas tu,  
Israel Meu servo,  
Jacó a quem  
escolhi, a semente  
de Abraão, aquele  
que amo” - ama  
todas as pessoas.  
Pois Ele é o Criador  
do mundo. Adão e  
Eva eram as Suas  
primeiras criações,  
sendo criadas muito  
antes do primeiro  
judeu. São criados  
“na imagem de  
Deus”, como o são  
todas as suas  
crianças para a  
eternidade.  
Somente a criação  
humana está na  
imagem divina.

Deus criou o mundo  
com somente um  
ser original, diz o  
Talmude, para  
ensinar que cada  
um que destruir  
uma única alma  
será como se teria  
destruído o mundo  
inteiro. E cada um

que salvar uma  
única alma, será  
como se teria  
salvado o mundo  
inteiro. E ensina o  
conceito de paz no  
mundo, assim que  
ninguém deva dizer:  
o meu pai é maior  
que o teu pai.

“Não sereis como  
os etíopes para  
Mim, oh povo de  
Israel? Diz o  
Senhor. Não levei  
Israel da terra do  
Egito? E os filisteus  
de Caftor, e os  
arameus de Kir?”  
Todos são povo de  
Deus.

Quando Abraão  
levanta com Deus o  
assunto de justiça e  
graça divinas, argúi  
por causa do povo  
de Sodoma, um  
grupo pecaminoso.  
Abraão molda o seu  
desafio a Deus em  
termos de Deus  
agindo justamente.  
Os inocentes não  
deveriam sofrer. E o  
desafio não está  
sendo feito como  
resultado de  
qualquer relação  
especial que  
devolva a aliança  
que Deus fez com  
os judeus. Antes, a  
Bíblia assume que  
há justiça e graça  
divinas que  
prevalecem pelo  
mundo inteiro.  
Graça e justiça

reinam, porque o Deus da Criação é o Deus de graça e justiça pelo mundo.

Quando Amos requer que “justiça role para baixo como água, e retidão como corrente poderosa”, é porque há um Deus do mundo inteiro que chama este à justiça. Quando Isaías pergunta retoricamente pelo que é o sentido do jejum religioso, responde que Deus quer que os seres humanos “percam as cadeias de maldade, para soltar os laços do jugo, para deixar os oprimidos andarem livres e para quebrar qualquer jugo. Não será partilhar o teu pão com os famintos, e que leves os pobres, que estão jogados fora, à tua casa? Quando vires os nus, que os cubras, e não te escondas da tua carne?”

O Judaísmo assume que todas as pessoas sejam obrigadas a observarem a lei universal. Essa lei, da qual se fala com

os Sete mandamentos noáquicos, é aplicável a todos os seres humanos. Essas leis são: (1) o estabelecimento de cortes de justiça, assim que a lei vá reinar na sociedade, e as proibições de (2) blasfêmia, (3) idolatria, (4) incesto, (5) derramamento de sangue, (6) roubo e (7) comer carne de animal vivo.

Apesar do fato da aliança, Maimônides e os árbitros subseqüentes todos deixam claro que “os pios de todas as nações do mundo têm lugar no mundo por vir”.

Portanto, no Judaísmo, o valor absoluto dos seres humanos, a criação destes na imagem de Deus, bem como a preocupação dominante de Deus por justiça e graça, é a base de comunidade conjunta universal dos criados, comunidade essa chamada a responder ao amor de Deus amando os outros seres humanos, erigindo as estruturas de

sociedade que maximizem a prática de justiça e graça, engajando-se sem fim na exigência religiosa de trazer cura ao mundo quebrado.

Uma das orações centrais do Judaísmo o põe neste modo:  
“Esperamos em Ti, Senhor nosso Deus, para ver prontamente a beleza do Teu poder, causar os ídolos passarem embora da terra e os falsos deuses serem derrubados, aperfeiçoar o mundo no Reinado do Todo-poderoso, onde toda a carne vai recorrer ao Teu nome, onde todos os maus da terra voltar-se-ão a Ti.”

*Letòqên `olóm  
bemalkút Shadái,*  
aperfeiçoar o mundo no reinado do Todo-poderoso.  
*Tiqún `olóm,*  
aperfeiçoamento ou reparo do mundo é tarefa conjunta de todos os judeus e de toda a humanidade.  
Embora os judeus se vejam como vivendo num mundo o qual está ainda irredento, Deus quer que as

Suas criaturas  
participem no  
reparo do mundo.

## **Os Cristãos e os Judeus**

Tendo examinado a  
noção tripartite de  
“missão” no  
Judaísmo clássico,  
há certas  
conclusões práticas  
que disso seguem,  
conclusões essas  
que também  
sugerem agenda  
comum para os  
cristãos e para os  
judeus.

Deve ser óbvio que  
qualquer missão de  
cristãos aos judeus  
está em conflito  
direto com a noção  
judaica de que a  
própria aliança é  
essa missão. Ao  
mesmo tempo, é  
importante enfatizar  
que não haja  
necessidade para  
as nações do  
mundo abraçarem  
o Judaísmo.  
Enquanto há  
variedades  
teológicas, tais  
como a crença na  
unidade de Deus,  
e virtudes sociais  
práticas que levem  
à criação duma  
sociedade boa, e  
que sejam  
possíveis e  
necessárias para a

humanidade em geral para compreender, não requerem o Judaísmo a fim de redimir o indivíduo ou a sociedade. *Os pios de todas as nações do mundo têm lugar no mundo por vir.*

Justamente tão importante, porém, é a idéia de que o mundo precisa de perfeição. Enquanto os cristãos e os judeus entendem a esperança envolvida nessa perfeição bem diferentemente, ainda, se estamos aguardando pelo messias - como os judeus crêem - ou pela segunda vinda do messias - como os cristãos crêem -, compartilhamos a crença de que vivemos num mundo irredento que anela pelo reparo.

Porquê não articular agenda comum?  
Porquê não juntar as nossas forças espirituais para nos expressar e agir na base dos valores que compartilhamos em comum, e que levam a reparar o mundo irredento?

Trabalhamos juntos,  
no passado, para  
avançar a causa da  
justiça social.  
Marchamos juntos  
por direitos civis;  
defendemos a  
causa dos operários  
e trabalhadores  
rurais; solicitamos o  
nosso governo a  
atender as  
necessidades dos  
pobres e dos sem  
lar; e apelamos aos  
líderes do nosso  
país para procurar  
desarmamento  
nuclear. Esses são  
somente uns  
poucos assuntos  
que nós judeus e  
cristãos temos  
dirigido em  
combinação de  
uns com os outros.

Para sugerir o que  
poderíamos ainda  
fazer juntos, vamos  
olhar para alguns  
modos concretos  
como o Judaísmo  
clássico toma idéias  
teológicas,  
transformando-as  
em modos de  
viver. E, se essas  
forem pedras num  
pavimento sobre o  
qual andarmos  
juntos, seremos  
capazes de formar  
uma estrada que  
seja uma rota que  
compartilhamos em  
comum em direção  
ao reparo da  
humanidade e à  
perfeição do  
mundo.

## **Alguns Pensamentos Talmúdicos Sobre o Reparo do Mundo**

Se bem que a preocupação profética pelos necessitados seja bem conhecida, deverá ser enfatizado que está no Talmude que os específicos de fazer bem estão sendo expostos de tal modo que cheguem a ser as pedras angulares da vida.

*Tsedòquóh*  
(caridade) e obras de benevolência estão sendo pesadas na balança como iguais a todos os mandamentos da Toráh. A obrigação de caridade dirige-se aos pobres e as obras de benevolência dirigem-se aos pobres e os ricos. A caridade dirige-se aos vivos e as obras de benevolência dirigem-se aos vivos e aos mortos. A caridade utiliza o dinheiro da pessoa, enquanto as obras de bondade utilizam o dinheiro da pessoa e a pessoa mesma.

Já nos tempos do Talmude, instituições caritativas para cuidar dos pobres foram estabelecidas e parte essencial da vida de comunidade. Quando, por exemplo, a Mishnáh ensina que um judeu deve celebrar o sêder de Páscoa com quatro copos de vinho, ela nota que a verba pública (*tamhúí*) deve prover aquele vinho para os pobres. Os pobres devem celebrar e sentir a dignidade de serem pessoas livres - e isso é a responsabilidade da comunidade. No entanto, ainda que as instituições caritativas sejam parte central da vida comunitária, Maimônides esclarece que a forma mais alta de caridade é fazer possível para alguém ganhar meio de vida ele mesmo.

A larga seção do Talmude que trata de lei civil e criminal, *Neziqín* ou *Danos*, especifica e protege a compensação de trabalhadores. Dá forma concreta para as proibições da

Toráh contra juros, estendendo as leis que proíbem juros incluindo muitos tipos de transações financeiras que parecem ser juros, mesmo se não o são. Tudo isso está sendo feito a fim de criar uma economia, onde as pessoas sejam encorajadas a ajudarem uma à outra financeiramente como expressão do seu companheirismo comum, antes de modo de fazer dinheiro. Instrumentos financeiros estão sendo criados que capacitem as pessoas sem fundo a chegarem a ser parceiros com outros antes de serem emprestadores - outra maneira de proteger a dignidade humana, encorajando o desenvolvimento duma sociedade, onde essa dignidade seja manifesta na vida cotidiana.

Atos de bondade que são requeridos e desenvolvidos em detalhe pela lei, incluem as obrigações de visitar os doentes e confortar os

lamentantes. Os judeus estão sendo exortados para remir os cativos e prover para noivas, sepultar os mortos e dar as boas vindas às pessoas na sua mesa. O Talmude detalha a obrigação dos judeus a mostrarem deferência aos velhos. “Levantar-se” e mostrar sinais especiais de respeito aos velhos são respostas aos problemas físicos do envelhecimento. Enquanto o próprio senso de dignidade diminuir, a sociedade está sendo exortada a reforçar a dignidade do indivíduo.

Naturalmente, a lei judaica se dirige aos judeus, sendo a sua primeira preocupação encorajar a expressão de amor aos membros da comunidade. Não trata de sentimentos mas, principalmente, de ações. Ma é importante notar que muitas dessas ações são mandatárias a respeito de todas as pessoas. Assim o Talmude diz: “A gente deve prover pelas necessidades dos pobres

gentílicos como dos  
pobres judaicos. A  
gente precisa visitar  
os doentes  
gentílicos como  
visita os doentes  
judaicos. A gente  
precisa cuidar do  
enterro dum  
gentílico,  
justamente como a  
gente precisa cuidar  
do enterro dum  
judeu. [Essas  
obrigações são  
universais] porque  
esses são os  
modos de paz.”

Os modos da Toráh  
de paz manifestam  
resposta prática à  
criação sagrada da  
humanidade na  
imagem de Deus.  
Ajudam a  
aperfeiçoar o  
mundo no Reinado  
do Onipotente.

A humanidade não  
precisa dum  
caminho comum  
que procure os  
modos de paz? A  
humanidade não  
precisa duma visão  
comum da natureza  
sagrada da nossa  
existência humana,  
a qual possamos  
ensinar à nossas  
crianças e a qual  
possamos nutrir nas  
nossas  
comunidades a fim  
de promover os  
modos de paz? A  
humanidade não  
precisa

comprometimento da sua liderança religiosa, dentro de cada fé e para além de cada fé, para juntar as mãos e criar elos que inspirem e guiem a humanidade a chegar à sua promessa sagrada? Para os judeus e os cristãos que ouviram a chamada de Deus para serem bênção e luz para o mundo, o desafio e a missão são claros.

Nada menos deve ser o nosso desafio - e isso é o verdadeiro sentido da missão em que todos nós precisamos compartilhar.

---

Tradução: Pedro von